MANEJO DOS MODOS DE AÇÃO: CHAVE PARA O SUCESSO

FABIO KAGI

Engenheiro-agrônomo pela Faculdade de Ciências Agronômicas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (FCA/Unesp), *campus* Botucatu, e gerente adjunto de Inovação e Sustentabilidade da Associação Nacional de Defesa Vegetal (Andef)

O QUE você pensaria se eu lhe dissesse que há uma ação que pode ser feita hoje em relação ao manejo de pragas, com efeitos duradouros e capaz de evitar perdas de produção, diminuir o número de aplicações ao longo dos anos, reduzir custos de combustível e mão de obra na aplicação de defensivos agrícolas, além de contribuir para a sustentabilidade do manejo? E se, com a mesma ação, eu demonstrasse que o custo de manejo seria, no mínimo, 48% menor?

Estou referindo-me ao incrível poder de manejo da resistência das pragas aos defensivos agrícolas, no qual o simples ato de não usar o mesmo produto repetidamente para o manejo de uma mesma praga tem papel fundamental. Ao longo de toda a história da humanidade, o homem trava uma batalha com as pestes agrícolas pelo mesmo alimento. Se não realizasse nenhuma forma de controle, basicamente o homem comeria o que as pragas – que estão no mundo há 1 bilhão de anos – não comeram. São milhões e milhões de anos de adaptação para sobrevivência em condições adversas inseridos na carga genética e na evolução dessas espécies.

Quando aplicamos um defensivo, as pragas suscetíveis morrem e as resistentes sobrevivem e se multiplicam. Na próxima geração, vão existir mais resistentes do que eram anteriormente. Continuadamente, esse processo leva à existência apenas de indivíduos resistentes, o que significa, na prática, que aquele produto já não mais controlará a doença em questão.

Para alimentar um mundo que terá 9,8 bilhões de pessoas em 2050, teremos que controlar as pragas de maneira adequada, e os defensivos agrícolas são especificamente desenhados para isso. A cada nova molécula, as indústrias de pesquisa e desenvolvimento de defensivos agrícolas investem cerca de US$ 286 milhões ao longo de onze anos de condução de testes para garantir a eficácia e a segurança dos produtos.

Pesquisadores da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) publicaram, em 2017, uma interessante circular técnica que demonstra que, em média, os custos para o controle de plantas daninhas saltaram de R$ 62,57 por hectare, em áreas sem resistência, para R$ 285,98 por hectare, em áreas com resistência. Em uma fazenda de 1.000 hectares, essa diferença de custo de manejo representa mais de R$ 220 mil por ano da renda de uma família de agricultores.

Por isso, é importante mudar a mentalidade a ser adotada no manejo da resistência, saindo do manejo reativo (usar a ferramenta até quebrar e encontrar uma nova) para o manejo proativo (evitar quebrar a ferramenta, mantendo a sua eficácia), ressaltando que os agricultores, muitas vezes, não conseguem prever o potencial de aumento dos custos para controle após o desenvolvimento da resistência.

A mensagem final é evidente: os defensivos agrícolas são seguros e eficazes no combate às pragas; já evoluíram muito ao longo dos anos, e a indústria continuará investindo em busca de novas soluções. A regra de ouro é valorizar e preservar o que já existe, pois qualquer produto que for superexposto perderá rapidamente sua eficácia, e o processo de desenvolvimento longo impede que sejam lançados novos modos de ação facilmente. ■